

## **Empoderamento e autonomia: o protagonismo das mulheres negras nos canais**

### *DePretas e Afros e Afins*<sup>1</sup>

Sheila Feitosa Santos<sup>2</sup>

Universidade Federal do Vale do São Francisco, Juazeiro, BA

## **RESUMO**

O presente artigo buscou fazer uma análise de conteúdo dos canais do *You Tube*, *DePretas e Afros e Afins*, no processo de empoderamento e reconhecimento das identidades das mulheres negras. Por muitos anos, as instituições sociedade, igreja católica e mídia irão reforçar imagens negativas da população negra. Esses estereótipos, influenciarão diretamente no processo de negação das identidades afros, a partir da imposição de padrões culturais europeus. Os espaços proporcionados pela grande mídia, para o debate racial, ainda são pequenos, o que levou ao surgimento de formas alternativas, na internet, para democratizar essas discussões. Dessa forma, os canais *DePretas e Afros e Afins* proporcionarão a criação de representações positivas das mulheres negras, a reconstrução das identidades, e a formação de atores sociais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mulheres negras; Violência Simbólica; Mídia; *You tube*; Reconstrução de Identidades.

## **INTRODUÇÃO**

O processo de negação das identidades negras no Brasil, fruto do racismo, perpetuado pelas elites brancas, trouxe sérios prejuízos para toda a população negra, em especial, as mulheres. Todo o conhecimento, saberes e tradições africanas foram sendo esquecidos, por meio do violento processo de assimilação cultural europeu. A sociedade e a mídia serão as principais responsáveis por criarem, ao longo dos anos, uma imagem negativa da população negra, e por contribuírem para o processo de perpetuação das desigualdades raciais. Nós, mulheres negras, seremos as maiores vítimas desse processo, sofrendo com as violências física, psicológica, simbólica, moral e sexual. Também não estaremos livres, com isso, das amarras do sistema patriarcal, que insistirá em nos colocar

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania, do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.

<sup>2</sup> Mestranda do curso de Extensão Rural pela UNIVASF, Juazeiro-BA. E-mail: [sheilafeitosajornalista@gmail.com](mailto:sheilafeitosajornalista@gmail.com).

---

em situações de submissão, no âmbito privado e exercerá forte resistência contra a nossa saída para o âmbito público.

As violências simbólicas, perpetuadas pela teledramaturgia, pelo cinema, pelas propagandas publicitárias e pelos telejornais impõem padrões estéticos que, ao longo dos anos, levou a negação das identidades negras. Dessa forma, a forte influência do processo de branqueamento da população brasileira, a propagação do “mito da democracia racial”, a condenação das características estéticas e físicas, levará a população negra a negação das suas tradições, como uma busca desesperada pelo reconhecimento dos seus direitos e por um tratamento mais humano. Por isso que, de acordo com Munanga (2004), é difícil de identificar quem é negro no Brasil, uma vez que a população, diante de todo o processo de condenação do povo negro, não se identifica com as suas raízes, desconhecendo todo esse processo histórico de desigualdades.

A violência contra a mulher negra, na mídia, aparecerá em forma de símbolos e serão tratadas como naturais. Dessa forma, assistiremos na “telinha” a banalização dos nossos corpos, a imposição de padrões estéticos de belezas das quais, não nos pertence; a total subalternização da mulher negra, com os papéis de empregadas domésticas, com uma pequena possibilidade de acessão social; além da exclusão ou pouca aceitação nos papéis de protagonismo. É importante destacar também que existem poucos espaços, na grande mídia, que busquem debater a respeito da valorização e empoderamento das mulheres negras e, nesse sentido, a internet se apresentará como um importante espaço democrático e participativo. Dessa forma, o presente trabalho fará uma análise da influência dos canais do *You Tube*, *DePretas* (2015) e *Afros e Afins* (2015), no processo de empoderamento político e social das mulheres negras. O objetivo é avaliar como estes espaços tem proporcionado o debate coletivo a respeito das questões raciais e na desconstrução de estereótipos. O artigo teve como base os estudos de Munanga (1986; 2004), Davis (2013), Gonzalez (1980), e Bourdieu (1989; 2014), e se justifica por buscar discutir a importância do debate plural e coletivo na internet, a respeito das questões raciais no Brasil e a pouca presença dessas discussões na grande mídia.

## **O “BRANQUEAMENTO EUROPEU” E A NEGAÇÃO DA CULTURA E IDENTIDADES NEGRAS NO BRASIL**

Ser negro no Brasil é um sinônimo de resistência. As tentativas de embranquecimento da nossa pele, a negação da nossa identidade e tradições consistiram

em ações violentas, que permeiam nossa sociedade até os dias atuais. Para o colonizador, o negro será o sinônimo de um ser primitivo, inferior, sem capacidades intelectuais, como afirma Munanga (1986). Os europeus, convictos da sua da sua superioridade, desprezavam tudo que estava relacionado ao povo negro e buscaram, de diversas formas, destruir todos os valores, saberes e tradições africanas, a partir da imposição dos conhecimentos eurocêntricos. De acordo com Munanga (1986), o colonizador negará as religiões de matrizes africanas e forçará a imposição do cristianismo. Percebe-se, dessa forma, o papel da igreja na perpetuação do racismo, ao criar representações do negro e, associá-las ao pecado e a maldição.

Ainda de acordo com o mesmo autor, o branco europeu não tolerava a ideia de saber que, alguns negros escravizados possuíam capacidade intelectual vasta. Também não era permitido o acesso à educação e ao saber, uma vez que, sendo o negro civilizado, poderia ser automaticamente associado aos povos europeus, o que era inadmissível, para a época. Com isso, percebe-se, uma inversão deturpada de valores. A preguiça estará relacionada ao povo negro, enquanto que a coragem, aos europeus. Assim, se cristalizou, por meio desses estereótipos, a representação do negro como o “retardado”, o “perverso”, o “ladroão”, e que a religião cristã levaria “esse povo pecador” a salvação (MUNANGA, 1986).

As consequências da violenta imposição da cultura europeia e a negação dos costumes africanos são visíveis até os dias atuais. Segundo Munanga (2004), no Brasil é difícil definir quem é negro:

(...). Há pessoas negras que introjetaram o ideal de branqueamento e não se consideram como negras. Assim, a questão da identidade do negro é um processo doloroso. Os conceitos de negro e de branco tem um fundamento étnico-semântico, político e ideológico, mas não um conteúdo biológico. Politicamente, os que atuam nos movimentos negros organizados qualificam como negra, qualquer pessoa que tenha essa aparência. É uma qualificação política que se aproxima da definição norte-americana (MUNANGA, 2004.p 52).

A dominação dos povos europeus levou a outras tentativas violentas de imposição e assimilação dos valores culturais. Uma delas foi o embranquecimento da população negra brasileira. Bento (2002), afirma que o processo de branqueamento da população negra no Brasil, na verdade consiste em um processo inventado pela elite branca. Porém, este grupo aponta ser a questão do branqueamento um problema do próprio negro. Munanga (1988) defende que o processo de dominação contra a população negra foi tão

perverso, que estes, buscavam se assemelhar aos brancos, como uma forma de buscar humanidade e direitos. Mas essa ação não retira do colonizador a culpa pela marginalização do negro, uma vez que a teoria do embranquecimento exaltará a assimilação dos valores culturais do branco europeu, por meio da alienação da população negra.

Bento (2002), ainda vai chamar a atenção quanto a falta de reflexão e problematização, a respeito do papel do branco europeu, no processo de disseminação das desigualdades raciais e de culpabilização do negro quanto a essas questões.

Evitar focalizar o branco é evitar discutir as diferentes dimensões do privilégio. Mesmo em situação de pobreza, o branco tem privilégio simbólico da brancura, o que não é pouca coisa. Assim, tentar diluir o debate sobre raça, analisando apenas a classe social é uma saída de emergência permanentemente utilizada, embora todos os mapas que comparem a situação de trabalhadores negros e brancos, nos últimos vinte anos, explicitem que entre os exploradores, entre os pobres, os negros encontraram um déficit muito maior em todas as dimensões da vida, na saúde, na educação, no trabalho. A pobreza tem cor, qualquer brasileiro minimamente informado foi exposto a essa afirmação, mas não é conveniente considerá-la. Assim, o jargão repetitivo é que o problema limita-se à classe social. Com certeza este dado é importante, mas não é só isso (BENTO, 2002, p. 03).

É importante também discutir sobre a falsa consciência, imposta pelo mito da democracia racial, que reforçará a ideia de que não existe racismo no Brasil, como ironiza Gonzalez (1980), no texto *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira*. A autora vai afirmar que a negação do racismo vai acontecer, a partir de uma visão de que todos são iguais, e que não existe diferenciação de tratamento entre brancos e negros. Porém, esse falso discurso, esconde em seu bojo o processo de alienação da consciência do negro, na sociedade e se contradiz, na medida em que há um estranhamento a respeito dos diversos espaços ocupados pelo negro na sociedade, enquanto a população branca ainda dissemina a ideia de subalternidade desse grupo.

O mito da democracia racial também será usado para camuflar os conflitos relacionados a estética da mulher negra. A imposição de um padrão eurocêntrico de beleza, levará a negação do cabelo, obrigando as mulheres negras a passarem por um violento processo de transformação, para que, dessa forma, sejam aceitas socialmente. Com base nessa imposição, de um padrão estético de beleza eurocêntrico, Gomes (2005 apud AFONSO, 2015), vai dizer que, o cabelo crespo será visto pelas mulheres negras,

como uma insatisfação, e a luta pelo alcance do “padrão exigido”, levará essas mulheres a serem torturadas, com os produtos químicos para o alisamento dos cabelos. De acordo com a mesma autora, o processo de rejeição e aceitação do cabelo crespo está relacionado a forma como o indivíduo se ver e é visto na sociedade, sendo essa uma relação complexa, uma vez que, de forma consciente ou inconsciente, este indivíduo pode manter ou não, uma boa relação com seu corpo. Analisa-se, dessa forma que, o colonizador europeu propagará estereótipos negativos da população negra, partir da negação e criminalização das identidades afros. Nesse processo, as mulheres negras aparecerão como as maiores vítimas, tanto das violências física, psicológica e simbólica, quanto pela violência do sistema patriarcal.

### **ESCRAVIDÃO E VIOLÊNCIA FEMININA: O LEGADO DE UM PASSADO QUE PERMEIA O PRESENTE**

Igualdade de oportunidade. Esse tem sido o principal objetivo dos movimentos feministas em todo o mundo. Os papéis designados para homens e mulheres, e reforçados pela dominação do sistema patriarcal, ao longo dos anos, colocou o público feminino em situação submissa, de aprisionamento ao casamento e a família, e infelizmente, tratadas apenas como objetos de cama e mesa. No caso das mulheres negras, a repressão social foi ainda maior, deixando marcas profundas em toda sua história. O acesso aos direitos essenciais, para o público feminino como o voto e o ingresso livre no mercado de trabalho, chegou ao alcance das nossas ancestrais negras, de forma tardia e repressiva, reforçando, dessa forma, toda a insensibilidade e negação da sociedade, diante das marcas profundas, perversas e violentas deixadas pela escravidão. Até os dias atuais, a imagem da mulher negra ainda está associada, de forma subalternizada, a mulata, a mucama, a empregada doméstica, a babá e a ama de leite (GONZALEZ, 1984 apud RATTS, 2015).

Esses estereótipos ainda são reforçados pela sociedade e pela mídia, que ainda insistem em negar os importantes espaços sociais que tem sido ocupado pela população negra. Esse tipo de ação ou negação dos fatos, nos leva a refletir sobre as violências vivenciadas pelas mulheres negras, no período escravocrata, e, ao mesmo tempo, a concluir que, as consequências que resultaram desse período, ainda se refletem em nosso cotidiano, em forma de violência simbólica. Para Teles e Melo (2003), a violência consiste no:

---

(...) uso da força física, psicológica, ou intelectual para obrigar outra pessoa a fazer algo que não está à vontade; é constranger, é tolher a liberdade, é incomodar, é impedir a outra pessoa de manifestar seu desejo e sua vontade, sob pena de viver gravemente ameaçada ou até mesmo ser espancada, lesionada ou morta. É um meio de coagir, de submeter outrem ao seu domínio, é a violação dos direitos essenciais do ser humano (TELES, MELO, 2003. p 15).

A solidão da mulher negra estará em evidência durante o período da escravidão. Elas serão silenciadas pela crueldade do colonizador e tratadas de forma desumana, sem dignidade e entregues à própria sorte. Humilhadas, torturadas, nós mulheres negras, não seremos poupadas das violências física, psicológica, moral e sexual, que persistem até os dias atuais, perpetuado pelo sistema patriarcal. Esse caráter de desumanização contra mulheres negras, será denunciado por Ângela Davis (2013). A autora aponta que as mulheres escravizadas serão vistas como uma anomalia e como bens móveis, que poderiam ser comercializadas ou trocadas, a depender da necessidade dos donos da casa grande. A aparência física das negras, os traços grossos, a cor e os cabelos, causavam estranheza e eram associados a imagens negativas. O perverso colonizador europeu tentará, a partir de uma perspectiva intolerante, justificar as características físicas da nossa população. Segundo Munanga (1988), a visão europeia vai tratar o negro como um “branco degenerado”, um caso de doença, e a cor negra estaria ligada ao clima tropical quente. Não demorou muito tempo para essa teoria ser considerada infundada.

A violência contra a mulher negra também será evidenciada na agricultura. Davis (2013), vai destacar que, nas atividades realizadas nas lavouras, não havia distinção entre gêneros, e as escravas eram forçadas a fazerem os mesmos trabalhos pesados que os homens, uma vez que, eram consideradas instrumentos que garantiam a lucratividade. Ainda de acordo com Davis (2013), as adolescentes e crianças não eram poupadas do trabalho árduo no solo, e desde muito cedo, eram obrigadas a trabalharem no plantio do algodão, no corte da cana e do tabaco. Também não estavam livres de serem surpreendidas com chicotadas, caso não atingissem as metas abusivas, impostas pelos capatazes e donos das fazendas.

No Brasil a situação da mulher negra escrava não diferiu dos relatos apresentados pela filósofa, norte-americana Ângela Davis. Ilka Boaventura (apud RATTS, 2015), discorre a respeito dos relatos de viajantes mineiros, durante o século XIV, e apresenta a escrava como trabalhadora e reprodutora, ações que irão legitimar a visão do que seria,

naquela época, a mulher negra. Essa afirmação confirma a ideia, apresentada por Lélia Gonzalez (1980), ao debater que, a relação de gênero e raça provocou a subalternização da mulher negra, que estabelecia, de acordo com a autora, a seguinte hierarquia: em primeiro lugar ficaria o homem branco; em segundo, a mulher branca; em terceiro, o escravo e em última categoria estariam as mulheres negras. Leite (1984) ainda vai afirmar que, a mulher negra estará presente em todas as atividades trabalhistas no Brasil, tanto na mineração e na agricultura, quanto na manufatura e no comércio. Apesar da grande importância destas para a economia colonial brasileira, esse aspecto, infelizmente, não foi levado em consideração (RATTS, 2015).

Além dos trabalhos braçais, as mulheres negras também serão responsáveis, segundo Davis (2013), por cuidarem da alimentação da casa grande, da limpeza e cuidados com as crianças brancas. As mucamas, como eram conhecidas, tinham como principais funções, segundo June E. Hahner (apud Gonzalez, 1980):

(...) cozinavam, lavavam, passavam ferro, esfregavam de joelho o chão das salas e dos quartos, cuidavam dos filhos da senhora e satisfaziam as exigências do senhor. Tinham seus próprios filhos, o dever e a fatal solidariedade de amparar seu companheiro, de sofrer com os outros escravos da senzala e do eito e de submeter-se aos castigos corporais que eram pessoalmente destinados... (p.229).

As mulheres negras foram duramente punidas com a escravidão. Além dos maus tratos físicos, psicológicos, também foram obrigadas a cederem aos abusos sexuais dos senhores e filhos de engenho e dos capatazes. Os estupros aconteciam com frequência e àquelas que resistiam, eram severamente punidas, com chicotadas no tronco Sueli Carneiro (apud Martins, 2013) criticará a romantização feita, por alguns autores, a respeito da miscigenação, que esconde o seu lado mais perverso e violento.

Lélia Gonzales (1980), tecerá uma crítica a respeito da concubinação e a forma como o corpo das mulheres eram trados para o uso sexual. Nesse sentido, a autora vai afirmar que a prática da prostituição com as escravas era permitida, porém o casamento era visto como um desacato. Ao se referenciar nos estudos de Heleieth Saffioti (1976), Gonzales (1980), vai dizer que as prestações de serviços sexuais, e a própria mulher negra, se converteu em um instrumento inconsciente, que danificava a ordem econômica e familiar do colonizador europeu. Ou seja, as nossas ancestrais tinham seu corpo



---

banalizado para a satisfação dos desejos dos europeus, e, ao mesmo tempo, eram culpadas injustamente por desestabilizarem a ordem social.

Outro aspecto apontado por Davis (2013), que reafirma o total desprezo quanto as mulheres e toda a população negra, era a definição dos escravos como bens móveis rentáveis. No Brasil, no estado do Ceará, por exemplo, como apresenta Ratts (2015), os anúncios de vendas de escravos eram feitos em jornais impressos, e as descrições reforçavam o total desprezo que a sociedade tinha das mulheres, e o caráter de desumanização, ao trata-las como simples objetos. Partindo desse ponto de vista, as mulheres negras passarão a ser avaliadas, segundo Davis (2013), a partir da perspectiva de sua fertilidade. Àquelas consideradas “mais férteis”, possuíam um valor mais alto, e seus filhos eram comercializados de forma desumana, como crias de animais. A dor da separação da família não sensibilizava o branco europeu. As gestantes escravas não eram banidas dos trabalhos pesados, não tinham o direito a adoecer ou mesmo de cuidar dos filhos recém-nascidos (DAVIS, 2013).

A total desumanização e desvalorização da mulher negra, infelizmente, continua se perpetuando em nossa sociedade e os estereótipos ainda são reafirmados de forma simbólica, principalmente pela mídia, que em muitos aspectos reforçam o racismo, a partir da imposição de perfis eurocêntricos, considerados aceitos pela sociedade. As próprias telenovelas, o cinema e a imprensa ainda têm dificuldade de apresentarem os papéis desempenhados por mulheres e homens negros, muitas vezes ainda os colocando em situação de subalternidade. No caso das mulheres negras, suas imagens ainda continuam associadas ao perfil das empregadas domésticas; seu corpo continua sendo sensualizado nas propagandas publicitárias, nos filmes e no horário nobre. A violência simbólica acaba mascarando a negação de uma sociedade racista, em aceitar as diferentes características e aspectos da cultura negra. Dessa forma, é importante reforçar o papel das mídias alternativas, no processo de empoderamento das mulheres negras e na quebra de estereótipos, que ainda impede a aceitação do negro por toda a sociedade.

## **VIOLÊNCIA SIMBÓLICA E A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES DAS MULHERES NEGRAS NA MÍDIA**

Um dos principais objetivos da mídia é a formação da opinião dos seus expectadores. Segundo Vilas Boas (1996), a mídia é vista ou deveria ser, o espaço de debate a respeito dos valores que integram o cotidiano das pessoas. Essas discussões,



---

acontecem por meio do jornal, revista, rádio, TV e internet, onde são ditados pelas elites, padrões comportamentais que refletem a maneira pela qual a sociedade deve se comportar e perceber o outro (VILAS BOAS, 1996). Esses padrões proporcionam uma violenta negação das identidades negras, refirmadas cotidianamente nas telenovelas, no cinema, nos jornais e nas propagandas publicitárias. Nesses espaços, as mulheres negras são objetificadas, tratadas de forma subalternas ou terão seus corpos sensualizados. Ajzenbery (2001 apud Martins 2013) afirma que:

A mídia reflete o que é a sociedade brasileira, ou seja, a mídia é racista (...). Os jornais, as telenovelas, a mídia em geral precisa ser transparente com relação aos seus erros (...). Quanto mais essa transparência for estimulada e realmente se fizer presente em termos práticos, mais a gente vai estar, enquanto mídia, contribuindo para uma discussão que obviamente não é só dos negros ou daqueles que sofrem discriminações, mas de toda uma sociedade (p. 16).

É possível concluir, dessa forma, que a mídia se tornou um instrumento de propagação de estereótipos e do racismo, contribuindo, por meio de um discurso elitista, para a manutenção de uma classe privilegiada na sociedade. Nas telenovelas, por exemplo, os papéis destinados as mulheres negras continuam perpetuando as violências simbólicas e física da escravidão. Apesar da tímida participação das atrizes negras na teledramaturgia, ocupando espaços de poder e protagonismo, ainda são perpetuadas as imagens de subalternidades, ligando-as as empregadas domésticas, a pobreza e a miséria. Para Bourdieu 1989:

(...) enquanto instrumento estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os <<sistemas simbólicos>> cumprem a sua função política de instrumento de imposição ou de legitimação da dominação, que contribui para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica), dando o reforço da sua própria força às relações de força que os fundamentam e, contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a <<domesticação dos dominados>> (p.10)

Lelia Gonzales (1980), vai dizer que o discurso racista e a violência simbólica, farão o uso da consciência, a partir da perspectiva da alienação, do esquecimento, da rejeição da memória, que guarda em si lembranças que não podem ser apagadas. A consciência vai abrir espaços para que a memória seja esquecida, a partir da imposição do que seja verdade. Dessa forma, as imagens construídas pela sociedade e pela mídia, ainda aponta o negro como o miserável, criminoso, tendo seus corpos sensualizados pelas

elites, que negam seus traços físicos, seu cabelo. São associações depreciativas e violentas, que são tratadas cotidianamente como naturais (GONZALES, 1980).

Confirmando essa perspectiva, Bourdieu (1989) ainda vai afirmar que a violência simbólica se alimenta da construção de estereótipos e crenças, que levará os indivíduos a adotarem determinados tipos de comportamentos, impostos pelo discurso do dominador. Por meio da adoção do poder simbólico, o dominado negará suas tradições, valores, saberes e legitimará os padrões dominantes. O que se pode observar, nesse sentido, é que o fim da escravidão no Brasil, não representou a inclusão ou valorização do negro na sociedade, e sim, a perpetuação de imagens negativas, estereótipos e racismos.

É importante também a problematização a respeito dos seguintes dados: O Atlas da violência de 2017, lançado pelo Instituto de Pesquisa Aplicada (IPEA), e pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, apontam que de 100 pessoas assassinadas em nosso país, 71 são negros. A mesma pesquisa revela também que o número de mulheres negras, vítimas de homicídio cresceu 7,5%, no período de dez anos, de 2005 a 2015, em todo o país. Uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2016, revelou que, o número de negros nas universidades aumentou, mas ainda é inferior a entrada de brancos nessas instituições. Essas pesquisas reforçam que, existe uma grande dificuldade da sociedade brasileira reconhecer onde está o racismo em nosso país, e que existe uma classe que detém privilégios e que não aceita a participação do negro em diferentes esperas de poder social.

Os ínfimos espaços disponibilizados pela grande mídia, não tem permitido o debate, de forma ampla, a respeito das questões raciais no Brasil. Nesse sentido, a internet irá se destacar como um importante espaço democrático e político, que, por meio do uso de ferramentas alternativas, a exemplo dos blogs, canais no *you tuber*, sites buscam promover um empoderamento coletivo das populações negras. No caso das mulheres, haverá um aumento significativo de canais no *you tube*, que irão trabalhar na perspectiva da valorização cultural feminina, buscando proporcionar o rompimento e quebra de tabus, a respeito da imagem das mulheres negras.

## **EMPODERAMENTO E AUTONOMIA NOS CANAIS *DEPRETAS E AFROS E AFINS***

---

O *You Tube* é um importante site que possui grande número de acessos em todo o mundo. Linkados a ele, estão outras plataformas, que permitem o compartilhamento, nas redes sociais, de assuntos variados, proporcionando, dessa forma, maior autonomia aos internautas. A partir desse ponto de vista que, o presente trabalho buscou realizar um acompanhamento e análise de conteúdo dos canais do *You Tube De Pretas e Afros e Afins*. Segundo Bardin (apud TOZONI, 2009), a análise de conteúdo consiste em “um conjunto de técnicas de análise de comunicação”, (p. 45). Ela busca desvendar os sentidos de um texto, para que haja, a partir da sua decomposição em partes, um estudo aprofundado de cada categoria, para se chegar a um entendimento, a respeito do que esteja expresso ou oculto (TOZONI, 2009). A ideia do presente trabalho é buscar perceber de que forma os canais do *You Tube, DePretas e Afros e Afins* têm contribuído para o processo de empoderamento e aceitação das mulheres negras, transformando-se em um meio alternativo de ativismo político. A escolha pelos dois canais se deu pelo quantitativo de visualizações, número de inscritos e produções de vídeos existentes nos dois canais.

O canal *Afros e Afins* nasceu em 2015 e é comandado por Nátaly Neri. Mulher negra, cientista social em formação, feminista, Nátaly debate sobre temas variados diretamente ligados as mulheres e a população negra, abrindo um espaço amplo e interativo, que proporciona aos internautas a garantia de uma participação efetiva, por meio dos comentários. *Afros e Afins* possui 390 mil inscritos, 14 milhões de visualizações, distribuídas em 166 vídeos. Podemos encontrar, no acervo de vídeos de Nátaly Neri, temas relacionados a perspectiva da valorização da moda e aceitação dos cabelos crespos, a partir de uma visão política. Diante dessa perspectiva, Gomes (2002 apud AFONSO, 2015), afirmará que o cabelo é algo social, com uma linguagem própria, que expressa a resistência social de um povo, que infelizmente, tiveram suas raízes negadas e excluídas da sociedade, sendo obrigados a aderirem, de forma nada amistosa aos costumes e tradições do povo europeu. Os vídeos de Neri buscam romper com os estereótipos e padrões ditados pela sociedade e pela mídia, proporcionando autonomia e empoderamento das mulheres negras, conforme confirma seu perfil no *You Tube*:

Sou Nátaly Neri, mulher negra, feminista, apaixonada por brechó, costura, moda e faça você mesmo. O objetivo desse canal é incentivar a autonomia de quem assiste, aprendendo a garimpar, achar as melhores opções de consumo de moda, discutindo questões importantes sobre nosso lugar no mundo sem ignorar, é claro, tutoriais divertidos de maquiagem, cabelo e tudo o que quisermos que nos caiba.

A princípio, este parece ser apenas um canal que irá realizar tutorial de beleza para a valorização da estética da mulher negra. No entanto, *Afros e Afins* vai além, apresentando-nos temáticas ousadas e que, muitas vezes, não são debatidas na grande mídia. Percebe-se, dessa forma que a perspectiva do canal é buscar romper com a negação e com toda a violência simbólica que ainda persegue as mulheres negras, que as objetificam e as excluem, diariamente, dos processos sociais. Buscando a ruptura desses estereótipos, Neri irá debater a questão da representatividade do negro, nos espaços de poder, a aceitação dos traços físicos, como um fator de identidade, e a crítica a hipersexualização dos corpos femininos. Ela também problematiza temas sociais, que ainda são tratados como tabus ou vistos de forma natural, a exemplo do genocídio da população negra, relacionamentos inter-raciais, apropriação cultural, violência contra a mulher, assédio sexual e cultura do estupro. É importante destacar que, existe grande número de visualizações nos vídeos que tratam dessas temáticas, o que confirma a identificação dos públicos com os assuntos em discussão, e até mesmo, a mudança de perspectiva quanto ao racismo, como reforça a seguinte internauta, em um comentário no vídeo “Relacionamento Inter-racial (2018) ”.

Eu, como branca, me sinto no dever de assistir seus vídeos, enxergar a realidade de pessoas negras e assim, mudar meus pensamentos e ações do dia a dia, para tentarmos viver em uma sociedade mais justa e igualitária. Para manas negras, vocês são lindas e merecem ser amadas da melhor maneira possível, sim!

O canal *DePretas* também criado em 2015, reforça em seu bojo, o debate a respeito das questões étnico-raciais, buscando proporcionar maior autonomia intelectual, estética e social, para as mulheres negras. Produzido por Gabi Oliveira, feminista, formada em Comunicação Social pela UFRJ, *DePretas* possui 169 vídeos, 287 mil inscritos e 8 milhões de visualizações em seus vídeos, que irão refletir a respeito, por exemplo, do espaço das mulheres negras nas propagandas publicitárias, na teledramaturgia, estética negra, valorização e ressignificação do cabelo natural crespo.

A solidão da mulher negra, o racismo na infância e seus efeitos, também integram as produções de Gabi Oliveira. A vlogueira, também utiliza o canal para compartilhar suas experiências cotidianas. Como uma forma de valorizar a literatura e cinema produzidos e protagonizados por negras e negros, os dois canais irão apresentar dicas de

filmes, livros, séries e músicas, ajudando a quebrar os estigmas negativos que perseguem a população negra, além de levantar o debate sobre o racismo e a invisibilidade da mulher negra nos espaços de poder.

Diferente do canal *Afros e Afins*, *DePretas* irá apresentar maior número de visualizações nos vídeos que tratam da valorização da estética das mulheres negras, e os comentários, também reforçam a identificação dos internautas com a experiência relatada por Gabi, no vídeo “Tour pelo meu rosto” (2018).

Vc comentando "imagina se eu deixasse de sorrir por causa disso" e seu sorriso é tão lindo... Me fez pensar, eu não gosto do meu sorriso, minhas bochechas ficam ainda maiores haha. É difícil se permitir mudar esses "preconceitos" consigo mesma, mas vídeos como esse nos ajudam. Obrigada! Vc é maravilhosa!

Após anos de negação das identidades afros em nosso país, o negro tomará uma consciência positiva quanto a valorização das suas tradições e dos seus traços físicos, passando a negar a imposição eurocêntrica. “Aceitando-se, o negro afirma-se cultural, moral, física e psiquicamente. Ele se reivindica com paixão, a mesma que o fazia admirar e assimilar o branco. Ele assumirá a cor negada e verá nela, traços de beleza e de feiura, como qualquer ser humano “normal””, (MUNANGA, 1980. p 19).

Munanga (1980) também nos apresentará, o importante conceito do que seja a negritude, que consiste no “reconhecimento do fato de ser negro, a aceitação do seu destino, de sua história, de sua cultura” (p. 24), a partir da perspectiva da identidade, fidelidade e solidariedade. Pode-se concluir que os canais *DePretas* e *Afros e Afins* funcionam como importantes instrumentos de empoderamento e reflexão para a população negra, por meio de um debate democrático e os resultados percebidos nos comentários ou nas redes sociais, confirmam a mudança de perspectiva dos jovens no combate ao racismo e exclusão.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história das mulheres negras no Brasil foi marcada pela perversidade da escravidão, que até hoje, ainda provoca reflexos negativos. O padrão eurocêntrico, ainda reformado pela sociedade e pela mídia, colocou, por muito tempo, as mulheres em situação de subalternidade, excluindo-as da maior parte dos processos sociais. Os

prejuízos foram grandes. A própria mídia se encarregou de criar, no imaginário popular, estereótipos que reforçam o racismo e a violência simbólica. A teledramaturgia terá um papel decisivo na construção de papéis negativos, que colocarão as mulheres em situação de subalternidade, vendo seus corpos serem usados como objetos sexuais e vivendo, ao mesmo tempo, o dilema de negar suas características físicas, seus traços, cabelos, identidades e raízes.

Os espaços, na grande mídia, que promovem o debate acerca das questões sociais ainda é ínfimo, o que levou ao surgimento de mídias alternativas para a legitimação dessas discussões. O *You Tube* terá um papel fundamental na promoção do processo de autonomia intelectual, étnica e social das mulheres negras. Os canais *Afros e Afins* e *De Pretas*, vão proporcionar a abertura democrática e participativa das mulheres negras, na internet, a partir de um processo de empoderamento coletivo e plural. Nessa perspectiva, as mulheres negras encontrarão um lugar seguro, de aceitação das suas identidades, tornando-se sujeitos autônomas de suas lutas sociais. Esses aspectos são confirmados a partir do retorno que é dado aos vídeos, por meio dos comentários de um grupo variado de pessoas, que acompanham os trabalhos das duas vlogueiras, e que se identificam ou se sensibilizam com os relatos.

Os dois canais promovem também a valorização de toda produção intelectual do negro. *DePretas* e *Afros e Afins* também irão construir representações positivas das mulheres negras no âmbito social, a partir do questionamento e problematização do local que esses grupos tem ocupado na sociedade, reivindicando a sua inserção nos espaços de poder. Por último, pode-se afirmar também que esses mecanismos de denúncia, empoderamento e valorização das identidades negras, na internet, proporcionado pelo *You Tube*, ajudam a criar militâncias, que vão atuar na retirada dos sujeitos da situação de vítimas, a partir da reconstrução das identidades, negras para a formação de atores sociais.

## REFERÊNCIAS

AFONSO, Francisnéia Sadelli. **O cabelo crespo da mulher negra é a sua raiz e revela a sua alma, a sua história e a sua luta.** Curitiba, 2015.

ALMEIDA, Cristóvão Domingos. BRANDÃO, Beatriz Montalvão Pereira. **Participação e Inserção Social:** protagonismo da mulher negra em canais do *YouTube*. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/3228/12520>. Acessado em: 05 de abr. de 2018.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Branqueamento e Branquitude no Brasil**. Disponível em: <http://www.media.ceert.org.br/portal-3/pdf/publicacoes/branqueamento-e-branquitude-no-brasil.pdf>. Acessado em: 05 de abr. de 2018.

BOAS, Sérgio Vilas. *O Estilo Magazine*. 3ªed. São Paulo: Summus, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre o poder simbólico**. In: BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989, p.07-16.

\_\_\_\_\_ **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2003

DAVIS, Ângela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1980. Disponível em: [https://www.google.com.br/search?q=Racismo+e+sexismo+na+cultura+brasileira&rlz=1C1NHXL\\_ptBRBR797BR797&oq=Racismo+e+sexismo+na+cultura+brasileira+&aqs=chrome..69i57.11573j0j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8#](https://www.google.com.br/search?q=Racismo+e+sexismo+na+cultura+brasileira&rlz=1C1NHXL_ptBRBR797BR797&oq=Racismo+e+sexismo+na+cultura+brasileira+&aqs=chrome..69i57.11573j0j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8#). Acessado em 05 de abr. de 2018.

MARTINS, Maribaldes Pereira. **O negro cristalizado**: a permanência de estereótipos, distorções e preconceitos, na teledramaturgia brasileira. São Paulo. 2013.

\_\_\_\_\_ **Negritude**: usos e sentidos. São Paulo: Ática, 1986.

MUNANGA, Kabengele. **A difícil tarefa de definir que é negro no Brasil**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/0D/ea/v18n50/a05v1850.pdf>. Acessado em: 05 de abr. de 2018.

NERI, Nátaly. **Afros e Afins**. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCjivwB8MrrGCMIIuoSdkrQg>. Acessado em: 05 de abr. de 2018.

OLIVEIRA, Caroline. **Atlas da Violência 2017**: negros e jovens são as maiores vítimas. Disponível: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/atlas-da-violencia-2017-negros-e-jovens-sao-as-maiores-vitimas>. Acessado em: 02 de mai. de 2018.

OLIVEIRA, Gabi. **DePretas**. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCF108KZPnFVxP8iLiJ1kng>. Acessado em: 05 de abr. de 2018.

RATTS, Alecsandro JP. **Gênero, raça e espaço: trajetórias de mulheres negras**. Disponível em: [https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2015/08/ARatts\\_Genero.pdf](https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2015/08/ARatts_Genero.pdf). Acessado em: 05 de abr. de 2018.

TOZONI, Marília Freitas, **Metodologia da Pesquisa**. 2.ed. Curitiba, 2009.

VIEIRA, Isabela. **Percentual de negros em universidades dobra, mas é inferior ao de brancos**. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-12/percentual-de-negros-em-universidades-dobra-mas-e-inferior-ao-de-brancos>. Acessado em: 02 de mai. de 2018.